

5 contos de Halloween

para ler, imaginar e conversar em família

CINCO HISTÓRIAS ORIGINAIS | 4 A 9 ANOS



Como usar este livro

Cinco histórias curtas para ler em voz alta, observar imagens e abrir conversas. As idades são referências; a sensibilidade de cada criança deve orientar a escolha.

- | | |
|----|---|
| 01 | Luma e a luz que morava na abóbora
4 a 7 anos • Leve • 4 minutos |
| 02 | Pingo, o fantasma que guardava histórias
5 a 8 anos • Leve • 5 minutos |
| 03 | O chapéu fujão da bruxinha Bia
5 a 9 anos • Moderado • 5 minutos |
| 04 | Tico e o espirro de estrelas
4 a 8 anos • Leve • 4 minutos |
| 05 | Meia-Noite e o mistério das sombras perdidas
6 a 9 anos • Moderado • 6 minutos |

Antes de abrir a primeira história

01

A leitura pode parar, voltar ou continuar em outro momento.

02

As imagens também contam: vale observar cores, expressões e pistas.

03

As perguntas são convites para conversar, não um teste de compreensão.

04

Repetir uma história ou inventar outro final também faz parte da leitura.

01 Luma e a luz que morava na abóbora

4 a 7 anos • suspense leve • leitura de 4 minutos



No fundo de uma horta cercada por girassóis secos, crescia uma abóbora chamada Luma. Todas as noites de outubro, as outras abóboras contavam histórias sobre o Dia das Bruxas. Falavam de lanternas acesas, janelas enfeitadas e caminhos brilhantes. Luma escutava tudo em silêncio, porque ainda não tinha luz alguma.

Na véspera da festa, uma névoa fina cobriu a horta. As folhas pareceram sussurrar, e o velho portão rangeu três vezes: *crec, crec, crec*. De repente, um pontinho dourado caiu bem diante de Luma. Era Fagulha, um vagalume tão pequeno que quase desaparecia entre as pedras.

Fagulha havia se perdido do grupo. A névoa escondia o caminho até o lago, onde dezenas de vagalumes se reuniam. Luma não podia andar, mas conhecia cada curva da horta. Por isso, começou a orientar o visitante: primeiro pela fileira de cenouras, depois pela roseira e, por fim, junto ao espantalho de chapéu torto.

Luma e a luz que morava na abóbora

O vagalume seguiu as indicações, mas a névoa engrossou. Logo, nem o brilho de Fagulha conseguia atravessar o branco. Luma desejou ajudar com tanta força que sentiu um calor atrás do cabo. O calor desceu por suas sementes e iluminou pequenas frestas em sua casca. Uma luz cor de mel se espalhou pelo caminho.

Guiado pelo clarão, Fagulha alcançou o lago. Pouco depois, voltou acompanhado de todo o grupo. Os vagalumes rodopiaram sobre Luma e transformaram a horta em um céu de estrelas baixinho. As outras abóboras ficaram admiradas: a luz de Luma não precisara de vela nem de feitiço.

Quando a festa começou, Luma brilhou no centro do jardim. Desde então, sempre que alguém perdia o rumo, a abóbora acendia. A horta descobriu naquela noite que algumas luzes aparecem somente quando encontram um motivo para iluminar.



PARA CONVERSAR

- **Por que Luma acreditava que não poderia brilhar?**
- **Em que momento a luz apareceu?**
- **Que outro caminho Fagulha poderia ter usado para chegar ao lago?**

UMA IDEIA PARA CONTINUAR

Desenhar outra criatura que também poderia receber a luz de Luma.

02 Pingo, o fantasma que guardava histórias

5 a 8 anos • suspense leve • leitura de 5 minutos



Depois que a biblioteca fechava, um fantasma chamado Pingo saía de trás da estante de aventuras. Ele não arrastava correntes nem dava sustos. Sua tarefa era recolher palavras que escapavam dos livros durante a noite e devolvê-las antes da abertura.

Certa madrugada, Pingo encontrou um livro aberto e completamente vazio. As letras haviam sumido, e o marcador em forma de lua também desaparecera. Sem aquela história, os personagens ficaram presos no escuro entre uma página e outra. Um murmúrio corria pelas prateleiras como vento: a lua, a lua, a lua.

Pingo procurou sob as mesas, dentro do carrinho de devoluções e até no atlas mais pesado da biblioteca. Quando o relógio marcou meia-noite, ouviu passos. Eram os irmãos Ravi e Lia, que haviam voltado com a avó bibliotecária para buscar um guarda-chuva esquecido.

Pingo, o fantasma que guardava histórias

O fantasma se encolheu atrás de uma pilha. Nunca aparecia para leitores, pois temia que todos fugissem. Mas uma palavra solta, escrita “coragem”, voou até Lia. A menina a segurou no ar e percebeu uma pontinha transparente tremendo entre os livros.

Em vez de gritar, Lia perguntou se a biblioteca precisava de ajuda. Pingo apontou para o volume vazio. Ravi observou um reflexo prateado no alto da escada móvel. O marcador de lua estava preso na capa de um livro de astronomia. Assim que Lia o colocou de volta, as letras saíram de vários cantos e correram para as páginas.

O livro recuperou castelos, caminhos e personagens. Antes de partir, as crianças deixaram um novo marcador para Pingo: uma estrela de papel com um pequeno desenho de porta aberta. A partir daquela noite, o fantasma continuou guardando histórias, mas já não se escondia de quem chegava com curiosidade. Afinal, toda biblioteca tem espaço para mais um leitor, mesmo quando ele atravessa paredes.



PARA CONVERSAR

- Qual era o verdadeiro trabalho de Pingo?
- Por que o fantasma se escondia dos leitores?
- Que palavra poderia escapar de outro livro e iniciar uma nova aventura?

UMA IDEIA PARA CONTINUAR

Escolher uma palavra que escaparia de um livro e imaginar o que ela faria.

03 O chapéu fujão da bruxinha Bia

5 a 9 anos • suspense moderado • leitura de 5 minutos



Bia treinara a semana inteira para abrir o desfile das bruxas do bairro. Na hora de sair, porém, seu chapéu roxo saltou do cabide, girou pela janela e voou em direção ao mercado noturno. Sem chapéu, nenhuma bruxinha poderia conduzir o desfile. Bia montou na vassoura e partiu atrás dele.

O chapéu passou pela barraca de lanternas, mergulhou entre fitas coloridas e pousou sobre um monstrinho que carregava caixas demais. As caixas estavam prestes a cair. Com a aba bem aberta, o chapéu as segurou até o monstrinho recuperar o equilíbrio. Depois, tornou a voar.

Bia quase o alcançou junto à banca de estrelas engarrafadas. Antes que sua mão tocasse a ponta roxa, o chapéu cobriu uma gaiola aberta e impediu que três estrelas escapassem para o céu. A vendedora agradeceu, mas Bia já corria outra vez.

O chapéu fujão da bruxinha Bia

O mercado terminou diante de uma ponte estreita. Do outro lado, um pequeno fantasma tentava atravessar, assustado com o vento. O chapéu pousou no chão como um barquinho. O fantasma sentou na copa, e a aba deslizou sobre o riacho até chegar à margem segura.

Bia finalmente segurou o chapéu. Estava irritada, mas notou um remendo novo na fita: uma estrela dourada, presente da vendedora. Também viu uma pena azul deixada pelo monstrinho e uma gota prateada oferecida pelo fantasma. O chapéu não fugira por travessura. Ele ouvira pedidos que ninguém mais escutara.

Quando Bia voltou, o desfile já esperava. Em vez de marchar pela avenida principal, a bruxinha mudou o caminho e passou pelo mercado, pela ponte e por todos que precisavam de companhia. O chapéu permaneceu firme em sua cabeça, embora a ponta se inclinasse de vez em quando, sempre que algum pedido de ajuda surgia por perto.



PARA CONVERSAR

- O que Bia pensou quando o chapéu fugiu?
- Quais pistas mostraram o motivo da fuga?
- Que novo pedido o chapéu poderia ouvir durante o desfile?

UMA IDEIA PARA CONTINUAR

Criar um novo objeto mágico capaz de escutar pedidos de ajuda.

04 Tico e o espirro de estrelas

4 a 8 anos • suspense leve • leitura de 4 minutos



Maitê tinha certeza de que alguma coisa morava sob sua cama. Todas as noites, depois que a luz apagava, surgia um som baixinho: fung, fung, fung. Na noite de Halloween, o som ficou mais forte. Então veio um espirro que fez as meias da gaveta pularem.

Com uma lanterna na mão, Maitê se abaixou devagar. Dois olhos redondos piscaram no escuro. A menina pensou em chamar um adulto, mas o dono dos olhos levantou uma placa de brinquedo com a palavra “desculpa”. Era Tico, um monstrinho azul, peludo e pouco maior que uma mochila.

Tico explicou por gestos que procurava um lugar tranquilo para dormir. O problema era a poeira, que fazia seu nariz coçar. Antes que Maitê respondesse, outro espirro explodiu: atchim! Em vez de meleca, dezenas de estrelas coloridas saíram voando e grudaram no teto.

Tico e o espirro de estrelas

A menina começou a rir. Tico tentou segurar o nariz, mas o terceiro espirro lançou estrelas dentro dos chinelos, sobre os livros e até no focinho do cachorro de pelúcia. O quarto estava virando um céu inteiro.

Maitê ofereceu um lenço e abriu espaço em uma caixa de brinquedos vazia. Tico preferiu a caixa, onde não havia poeira. A mudança parecia resolvida, até que uma última coceira apareceu. O monstrinho respirou fundo, apertou o lenço e soltou o menor espirro da noite. Uma única estrela pousou na lanterna.

Quando a mãe de Maitê abriu a porta, encontrou o quarto cheio de pontos brilhantes. Tico se escondeu, mas deixou uma pata azul para fora da caixa. A mãe colocou mais um travesseiro ali e desejou boa noite aos dois. Desde então, o som sob a cama desapareceu. Às vezes, porém, uma estrela nova surgia no teto, sinal de que Tico continuava sonhando com o nariz um pouco empinado.



PARA CONVERSAR

- **O que Maitê imaginava antes de conhecer Tico?**
- **Como a cena mudou depois do primeiro espirro?**
- **Que outras coisas divertidas poderiam sair de um espirro mágico?**

UMA IDEIA PARA CONTINUAR

Inventar um espirro mágico e desenhar o que sairia dele.

05 Meia-Noite e o mistério das sombras perdidas

6 a 9 anos • suspense moderado • leitura de 6 minutos



Na praça do coreto, as lanternas de Halloween despertavam quando o relógio marcava onze horas. Naquela noite, porém, havia algo errado: nenhuma delas projetava sombra. Sem as sombras, o desfile não poderia começar, pois cada lanterna precisava dançar ao lado de sua silhueta.

Meia-Noite, o gato preto que conhecia todos os telhados do bairro, examinou o chão. Encontrou uma linha escura perto da fonte e pegadas finas que seguiam até o coreto. As lanternas foram atrás dele, iluminando a névoa com rostos amarelos e alaranjados.

Debaixo do coreto, ouviram música. Não vinha de instrumento algum. Eram palmas, passos e rodopios. Meia-Noite espiou por uma fresta e viu as sombras ensaiando uma dança secreta. Cansadas de repetir todos os movimentos de suas lanternas, elas queriam inventar passos próprios.

Meia-Noite e o mistério das sombras perdidas

A maior lanterna ficou ofendida. A menor começou a chorar cera. O gato pediu silêncio e entrou no esconderijo com o rabo erguido. Em vez de ordenar a volta, propôs um acordo: durante metade do desfile, as sombras acompanhariam as lanternas; na outra metade, conduziriam a dança.

As sombras aceitaram, mas havia um problema. Uma nuvem cobria a lua, e sem luz nenhuma silhueta conseguiria sair dali. Meia-Noite subiu ao teto do coreto, saltou sobre a bandeirola mais alta e puxou o cordão de pequenos lampiões da praça. Um a um, eles se acenderam.

As sombras se esticaram pelo chão e reencontraram suas lanternas. O desfile começou com passos conhecidos, depois virou uma dança que ninguém havia visto. Havia sombras fazendo piruetas, lanternas andando de lado e um gato que fingia não estar orgulhoso. Desde aquela noite, a praça reservou um momento para cada sombra inventar o próprio movimento. E Meia-Noite ganhou o melhor lugar no coreto, bem no centro de todas as luzes.



PARA CONVERSAR

- **Por que as sombras decidiram se esconder?**
- **Como Meia-Noite encontrou uma solução para o conflito?**
- **Que passo diferente uma lanterna e sua sombra poderiam criar juntas?**

UMA IDEIA PARA CONTINUAR

Criar um passo de dança para uma lanterna e sua sombra.

A história continua depois do ponto-final

A conversa pode seguir por sons, desenhos, encenação ou pela invenção de uma nova cena. Uma proposta já basta para prolongar a experiência.

01

Caça às pistas

Encontrar três detalhes que ajudaram a resolver o mistério.

02

Novo personagem

Inventar alguém que poderia entrar na história sem mudar o final.

03

Paisagem sonora

Criar sons para o vento, os passos, a porta ou o espirro mágico.

04

Outro ponto de vista

Recontar a aventura pela voz de uma sombra, um livro ou uma estrela.

05

Final surpresa

Imaginar outro desfecho que mantenha os personagens em segurança.

06

Capa nova

Desenhar uma capa e escolher outro título para o conto.

Uma boa conversa não precisa passar por todas as perguntas. Um comentário espontâneo, um desenho ou o pedido para ouvir a história novamente já mostram envolvimento com a leitura.

Caderno do pequeno leitor

Esta página pode ser preenchida com palavras, desenhos ou com a ajuda de um adulto.

O conto escolhido foi

O personagem favorito foi

☐ Luma☐ Pingo☐ Bia☐ Tico☐ Meia-Noite

A melhor parte da história foi

DESENHE A CENA FAVORITA

Uma palavra para descrever a leitura: _____

Para quem acompanha a leitura

O clima de Halloween pode ser divertido sem transformar o medo em desafio. A criança deve saber que pode pedir uma pausa, fazer perguntas ou escolher outra história.

01 Antes

Apresentar o título, observar a imagem e contar que a narrativa termina de forma acolhedora.

02 Durante

Usar pausas e vozes diferentes sem gritos repentinos. Acolher comentários sem interromper o ritmo a todo momento.

03 Depois

Conversar sobre personagens e escolhas. Se houver desconforto, reforçar a diferença entre fantasia e realidade.

04 Antes de dormir

Preferir os contos de suspense leve. Se a criança ficar agitada, mudar o horário nas próximas vezes.

05 Na impressão

Usar papel A4 e escala de 100%. O modo econômico reduz o consumo de tinta.

“O mais importante é preservar o prazer de ouvir e contar histórias.”

As histórias continuam

Cada leitura pode ganhar novas vozes, desenhos, perguntas e finais.



Uma escola também pode ampliar o encontro das crianças com livros, imaginação e convivência.

A Quero Escola reúne bolsas para Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio em instituições de diferentes regiões.

CONHEÇA AS BOLSAS PARA ESCOLAS

Material produzido para a Quero Escola.

Textos e personagens originais. Imagens criadas com auxílio de inteligência artificial.